



Urbano Bettencourt

O Fantasma da Casa Azul de José Manuel Tavares Rebelo

A casa que me permitiu entrar em contacto e conviver com José Manuel Tavares Rebelo (Ponta Delgada, 1939) não era azul nem se localizava na Fajã de Baixo. E não tinha fantasmas. Chamava-se (e chama-se ainda) Casa dos Açores do Norte (CAN) e fica no Porto.

E é por aqui que e eu farei uma breve deriva para referir a atenção que, sob a direcção de José Manuel Tavares Rebelo (JMTR), a CAN soube prestar à cultura açoriana, tornando-a presente no norte do país. Em termos mais específicos, quero ainda manifestar a minha gratidão pela disponibilidade com que me acolheu e aos meus livros, por mais de uma vez. Numa delas, aliás, isso permitiu-me o encontro simultâneo (e creio que único) com os meus dois amigos pintores do Norte: o Seixas Peixoto, a trabalhar actualmente em Coimbra e com quem fiz o livro *Lugares Sombras e Afectos*; o Alberto Pêssimo, nascido na Ilha de Moçambique e a trabalhar no Porto, que me ilustrou os livros *Santo Amaro sobre o Mar e Antero*. Mas esse acolhimento não se resumiu à esfera institucional, alargou-se ainda ao relacionamento pessoal, nesses tempos em que nós (eu e a minha família) nos detínhamos com frequência no Porto, cidade de que aprendi a gostar muito.

Esta deriva leva-me ainda a outra e a dois apontamentos que, tendo a ver com a literatura e a história literária, traduzem ainda o cuidado pessoal de JMTR e, simultaneamente, o propósito de fazer circular informação que é do interesse mais geral e público.

Em primeiro lugar, a sua chamada de atenção para o papel pioneiro do poeta micaelense Luís Francisco Bicudo na divulgação do *Manifesto do Futurismo* em Portugal, mais especificamente em Ponta Delgada, no *Diário dos Açores* (5 de Agosto de 1909). Na verdade, não era a primeira vez que os jornais portugueses se reportavam ao futurismo de Marinetti, mas cabe a Luís Francisco Bicudo o papel de ter sido o primeiro a publicar no país a versão integral do *Manifesto*, juntamente com uma entrevista do poeta italiano e um *balanço* da reacção internacional – tudo isso permitindo a Bicudo distanciar-se criticamente da nova corrente literária e de algum modo antever a tempestade filosófica e estética que aí vinha, na esteira do pensador alemão Nietzsche.

O facto de JMTR ser neto de Bicudo é apenas um pormenor lateral que não desvirtua o sentido do seu intuito de reforçar (quem sabe se «revelar») junto de algum público o conhecimento sobre um facto da história literária (Rebelo, 1990); o texto de JMTR abriu ainda caminho ao ensaio da professora Paula Cristina Costa (1996) sobre o poeta açoriano, tendo ambos os textos sido publicados no *Boletim Cultural Informativo da Casa dos Açores do Norte*.

Em segundo lugar, devemos a JMTR, e por via indirecta, um testemunho incisivo sobre o ambiente cultural de Ponta Delgada nos anos 40. Trata-se da entrevista que lhe concedeu o poeta Egito Gonçalves (Matosinhos, 1920 – Porto, 2001) que esteve em S. Miguel entre 1942 e 1944, integrado nos expedicionários enviados por Lisboa para reforçar a defesa militar das então chamadas «ilhas adjacentes» (Rebelo, 2001).

No seu depoimento, Egito Gonçalves fornece alguns elementos sobre o ambiente cultural de Ponta Delgada (pelo menos, de um determinado núcleo) e refere o contacto que manteve com Armando Côrtes-Rodrigues, Diogo Ivens, Ruy Galvão de Carvalho, João da Silva Júnior (dedicatários do *Poema para os Companheiros da Ilha*, de 1950) e como esse contacto foi fundamental para a sua vocação literária: «sempre uma incógnita insolúvel me perturbou: se os acasos da sorte não me tivessem levado para Ponta Delgada, o que teria sido? Como poderia a literatura ter surgido, se surgisse?»

A esta altura, poderá parecer abusivo este desvio pelo largo, quando o pretexto próximo para se falar de José Manuel Tavares Rebelo é o seu livro *O Fantasma da Casa Azul e Outras Histórias*. Mas que devia fazer-lhe justiça, reavivando a memória e a existência destes documentos que, não provindo de investigadores profissionais e encartados, devem ser considerados e integrados na bibliografia dos campos de estudo em questão.

O leitor que se disponha a ler *O Fantasma da Casa Azul e Outras Histórias* deve ir preparado para defrontar-se com um conjunto heterogéneo de textos que vão da evocação memorialística ao documento histórico, do texto lírico à narração, do apontamento biográfico à nota de viagem, numa profusão de discursos e abordagens que bem podiam reclamar para este livro o qualificativo que Garrett atribuiu às suas *Viagens*, o de «inclassificável».

Muito longe de ser uma crítica ao livro de JMTR, é um elogio à diversidade de olhares sobre o mundo e a vida, um elogio também à pluralidade de interesses do autor; ao mesmo tempo, constitui a demonstração de que não é possível atribuir um rótulo a *O Fantasma da Casa Azul e Outras Histórias* – mas bem sabemos como os rótulos não passam de expedientes que nos facilitam a vida, proporcionando-nos a catalogação física e mental de objectos e pessoas.

Tomemos, por exemplo, a narrativa que abre o livro e lhe confere a componente substancial do título:

Uma explícita anotação antecipa a digressão física que se segue, pela Rua Direita e pelos espaços limítrofes. Ora, não se circunscrevendo ao simplesmente observado,

essa digressão é acompanhada por um discorrer que recupera dados da história, acontecimentos e objectos, por vezes, recorrendo à memória pessoal e familiar, para com isso refazer, na medida do possível, a vida remota de algumas casas e das gentes que as habitaram. E, no desfecho da narrativa, o inesperado (mas não implausível) tremor de terra vem proporcionar o surgimento do insólito (e alegórico também) na metamorfose do milhafre/queimado e na «bandeira branca, de onde emanava uma voz feminina a cantar» (p. 33). E o seu canto congregará, no final, o passado e o presente, através dos textos líricos do cantor e compositor José/Zeca Medeiros e da poetisa Alice Moderno.

Sem querer sobrepor-me aos tópicos de leitura que Sara Leão e Anabela Almeida muito bem antecipam nos seus textos inaugurais (para os quais remeto, naturalmente), queria ainda assim chamar a atenção para a dimensão «delirante» da narrativa «Da aldeia abandonada à revolta dos poetas» (pp. 43-50), um conto *natalício* marcado pela perspectiva burlesca – com que são trazidas ao texto personagens da nossa contemporaneidade política (registo – que se verifica igualmente em «O Porto e o acordo de Liverpool», pp.77-79).

E, pela sua natureza peculiar, queria terminar estas considerações lacunares com uma chamada de atenção para a última secção do livro, um conjunto de cartas (trinta e uma, no total) enviadas por May Carter a Alice Pimentel, entre 1901 e 1907. Sendo a situação o resultado de um contexto familiar abastado (o de João Maria Pimentel, bisavô de JMTR), o interesse das cartas ultrapassa esse dado para testemunhar o grau de familiaridade e a continuação da amizade entre a jovem micaelense e a sua antiga preceptora inglesa. Elas revelam ainda o modo como May Carter continuou uma espécie de magistério, enviando para Ponta Delgada livros e revistas inglesas («formativas», direi eu), ao mesmo tempo que disponibilizava os seus bons ofícios para responder a serviços e pedidos solicitados de S. Miguel.

A publicação destas cartas é o reconhecimento de como a epistolografia constitui um meio precioso de acesso a uma intimidade familiar, mas também a um quotidiano público, permitindo-nos a nós reter elementos para a compreensão de traços e comportamentos epocais e das mentalidades que os suportam.

Terminar *O Fantasma da Casa Azul e Outras Histórias* com este conjunto de cartas foi uma boa escolha, reafirmando ainda a saudável diversidade que caracteriza o livro.



REBELO, José Manuel Tavares, *O Fantasma da Casa Azul e outras histórias*. Ponta Delgada, Letras Lavadas, 2023.

COSTA, Paula Cristina (1996), «O modo de ser moderno de um poeta açoriano», *Boletim Cultural e Informativo da Casa dos Açores do Norte*, n.º 35, Dezembro, pp.16-18.

REBELO, José Manuel Tavares (1990), «Um açoriano, introdutor do Futurismo, em Portugal», *Boletim Cultural e Informativo da Casa dos Açores do Norte*, n.º 30, Abril-Junho, pp. 4-5.

(2001) «O poeta que se formou na “Universidade de Ponta Delgada”», *Atlântico Expresso*, 2 de Julho, p. 9